

Do orfeonismo em Portugal

Segunda das palestras musicais feitas pelo
Maestro Armando Leça na Rádio-Porto.

(Continuação)

E como se pode tocar piano, violino ou outro instrumento cantante se não se sentir o cantável dos trechos, se não se penetrar na sua expressividade, se não se sabe trazer ao de cima da estrutura técnica a ideia principal do compositor?

Quem faz os instrumentos cantantes não são só os fabricantes, mas também quem os sabe fazer cantar e quem nunca cantou pelo menos dentro dum grupo coral, fica quasi sempre com essa lacuna técnica.

Cantando, habituamo-nos a respirar com ritmo, fundo, graduando-o ou prolongando-o; há muito quem tenha uma respiração irregular, miniguada, cuja voz indecisa se robustecerá, cujas cordas vocais ganhariam músculos se pertencessem a um grupo coral. Além deste pormenor higiénico, como é desagradável ouvir-se a uma pessoa de boas maneiras silabar explosivamente como se fosse criada entre vareiros ou campomios...

Se essas pessoas soubessem ouvir os coros, se atentassem na emissão do seu silabar, reparassem como o humilde, cantando, lhe pode servir de modelo, quanto mais não seriam protegidos os nossos orfeões cuja cultura artística ainda há muito quem ignore a sua finalidade civilizadora.

A música é nossa confidente e acompanha-nos pela vida além gravando-se como que em vinheta nas páginas do nosso próprio romance.

Embalam-nos as mães; os sinos ressoam quando baptizados, ao colo, saímos dos adros;

as modas de roda, os joguinhos fixam-se para sempre e no Natal, ás nossas portas, cantamos as velhas modas. As serenatas, as canções mais vulgarizadas ouvidas ao tempo da nossa idade áurea, não se olvidam mais e ficam aborralhadas para que o tempo as poetise, as faça bonitas,—até mesmo ás mais feias!

Como são agradáveis as vozes das moçoilas que cruzam connosco na estrada, ao escurecer; como são bucólicos os cantares dos ceifadores; grandiosos, líricos os coros das mondadeiras alentejanas; como são místicos os cánticos quaresmais do Minho ou os da Beira-Baixa, como são simples, expressivas as molodias da Beira Alta, como tudo isto nos sensibiliza se sabemos ouvir!

E a música como que Vinheta matizada de consonâncias e dissonâncias vai-se gravando em todas as páginas do nosso romance.

Depois, mais tarde, tocamos aos filhos as velhas modas; os sinos do Outono escutam-se apreensivamente; Beethoven, Schumann, Chopin, amüdam-se nas estantes dos pianos, enquanto a chuva alaga os arruados e o vento zimbra nas claraboias.

E a Música que nos adormecera em pequeninos ainda nos reserva o seu cristão—*in pace!*

Quem dela se pode alhear se falando, por vezes cantamos? E vozelências repararam já no seu poder evocador?

Continua.